

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL: A SUPRESSÃO DA MATERIALIDADE DO OBJETO

José Henrique de Faria¹

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão crítica sobre a tendência da supressão da materialidade do objeto, que é cada vez mais evidente na produção científica em Estudos Organizacionais e Administração. Há um aumento preocupante nas publicações em periódicos e nas dissertações e teses da prevalência do empirismo descritivo e da abstração idealista, revelando tanto ausência teórica e analítica em profundidade, quanto a adoção de pressupostos conceituais que são impostos aos objetos independentemente de sua materialidade. As reflexões aqui expostas foram objeto da palestra de abertura do VIII Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais realizado na Universidade Federal de Santa Catarina em julho de 2024.

Palavras-Chave: Epistemologia; Teoria; Metodologia; Estudos Organizacionais; Empirismo; Idealismo.

ESTUDIOS ORGANIZACIONALES Y ADMINISTRACIÓN EN BRASIL: LA SUPRESIÓN DE LA MATERIALIDADE DEL OBJETO

RESUMEN

¹Professor Titular Sênior da Universidade Federal do Paraná. Professor Titular Visitante da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pesquisador PQ CNPQ.

Este artículo aporta una reflexión crítica sobre la tendencia a la supresión de la materialidad del objeto, cada vez más evidente en la producción científica en Estudios Organizacionales y Administración. Hay un aumento preocupante de las publicaciones en revistas y de disertaciones y tesis sobre el predominio del empirismo descriptivo y la abstracción idealista, que revelan la ausencia teórica y analítica en profundidad, así como la adopción de supuestos conceptuales que se imponen a los objetos independientemente de su materialidad. Las reflexiones aquí presentadas fueron el tema de la conferencia inaugural del VIII Congreso Brasileño de Estudios Organizacionales realizado en la Universidade Federal de Santa Catarina en julio de 2024.

Palabras clave: Epistemología; Teoría; Metodología; Estudios Organizacionales; Empirismo; Idealismo.

ORGANIZATIONAL STUDIES AND ADMINISTRATION IN BRAZIL: THE SUPPRESSION OF THE MATERIALITY OF THE OBJECT

ABSTRACT

This article brings a critical reflection on the trend of suppression of the materiality of the object, which is increasingly evident in the scientific production in Organizational Studies and Administration. There is a worrying increase in publications in journals and in dissertations and theses of the prevalence of descriptive empiricism and idealist abstraction, revealing both theoretical and analytical absence in depth, as well as the adoption of conceptual assumptions that are imposed on objects regardless of their materiality. The reflections presented here were the subject of the opening lecture of the VIII Brazilian Congress of Organizational Studies held at the Federal University of Santa Catarina in July 2024.

Keywords: Epistemology; Theory; Methodology; Organizational Studies; Empiricism; Idealism.

A produção científica no campo dos Estudos Organizacionais e da Administração, no Brasil, mas igualmente em outros países, vem sendo ampliada de um modo epistemológico e metodológico no mínimo preocupante. O produtivismo e os critérios de avaliação têm induzido a produção e a publicação de trabalhos acadêmicos que seguem muito mais a lógica formal do que a lógica concreta. E este processo é também impulsionado por modelos padronizados de pesquisa ensinados nas disciplinas de metodologia científica e por modelos de avaliação de artigos em periódicos acadêmicos.

As publicações e as dissertações e teses têm revelado uma tendência preocupante nos Estudos Organizacionais e na Administração, que é a supressão da materialidade concreta do objeto, pela prevalência do empirismo descritivo, com sua ausência teórica e analítica em profundidade; e pela prevalência da abstração mística, com seus pressupostos teóricos, seu silogismo e seu metodologismo. É preciso refletir criticamente sobre esse processo.

Essa é uma preocupação também expressa por alguns professores que atuam como pesquisadores, orientadores e avaliadores de bancas e de artigos. Igualmente, é uma preocupação de alguns mestrandos e doutorandos em seus trabalhos de dissertação e tese. Por isso, é oportuno refletir sobre esse problema.

Nesse ensaio procurar-se-á pontuar, de uma perspectiva epistemológica e metodológica, os elementos centrais do problema da supressão do objeto nas pesquisas nessas áreas a partir de três pontos: o campo de investigação; o problema da substância e do predicado; o empirismo e o idealismo.

O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Esse segundo ponto, que já está colocado nas entranhas do primeiro, encontra-se na concepção de Organização e Administração. A metafísica idealista parte das maçãs, das peras, das uvas e dos abacates, para criar a ideia abstrata de fruta e depois pretende explicar as frutas reais a partir da ideia da fruta em si, transformada em substância, em essência eterna, em arquétipo da fruta. Neste caminho, a metafísica idealista ainda comete a ousadia de perguntar ao tomate se ele é fruta ou legume, já que seu uso escapa à lógica aparente da classificação.

Uma vez que se confere à pera, à maçã, à laranja, etc., a substância fruta, parece haver uma autorização para descrever a unidade ou o conjunto das frutas ou para tomar a fruta como a essência das peras, maçãs e laranjas. Como já anunciava Marx (2013), o que é predicado dos objetos se torna a substância a partir de onde os objetos derivam.

Uma vez que se confere à fábrica, à escola, ao hospital, ao banco, o status de Organização, trata-se (i) ou de descrever as condições empíricas das unidades particulares ou dos conjuntos singulares como formas dessa substância, (ii) ou de tomar A Organização como o lugar de origem das fábricas, escolas, hospitais, etc. Uma vez que se atribui às diversas práticas de gestão o status de Administração, trata-se de desvendar as estratégias, os programas, o planejamento, o *marketing*, como formas dessa substância, ou seja, de tomar a Administração como sendo a origem do planejamento, dos programas, das estratégias.

O que acontece neste caso é que o predicado das coisas concretas, dos objetos, foi transformado em substância e a substância, que é a propriedade das coisas concretas, foi transformada em predicado. O que seria uma qualidade abstrata do objeto se tornou sua

substância e o que era sua condição constitutiva, seu ser em si, se tornou seu predicado. A Organização se torna a fonte de onde emergem os tipos de organização. A Administração se torna a fonte de onde emergem suas práticas específicas classificadas por “funções” e “atividades”.

Esse problema ontológico e epistemológico está posto, desde logo, na fundamentação do próprio campo empírico dos Estudos Organizacionais e dos estudos em Administração, em que a organização é considerada como sujeito da realidade (A Organização), quando, de fato, ela é um predicado abstrato da materialidade das unidades produtivas (fábricas, hospitais, escolas, sindicatos, agências públicas, bancos, etc.). A Organização abstrata ganha status de coisa concreta, de forma que o que deveria ser um predicado aparece como sendo sujeito. Essa questão tem interferência direta tanto nas pesquisas em Organização e Administração, quanto nas práticas. Por quê? Porque é uma questão posta pela lógica da abstração formal, na medida em que seus termos principais (Administração e Organização) entram na problematização em suas formas abstratas arbitrárias, como substância.

Administração e Organização têm sido concebidas aristotelicamente, como substância, ou seja, como aquilo que é permanente nas coisas, como o suporte pelo qual a matéria se constitui em algo de acordo com uma forma (Aristóteles, 2010). Administração e Organização se referem, assim, aos universais abstraídos que, a partir exatamente desta abstração são classificados em tipos, formas e espécies. Com isso, o concreto deixa de ser matéria constitutiva, de maneira que a substância (Administração e Organização) ocupa o lugar do sujeito e suas formas ocupam o lugar do predicado. Uma vez que Organização e Administração se tornaram substâncias, a realidade a partir de onde elas foram constituídas é recuperada em tipologias, classificações, modelos, como se essas formas tivessem origem na substância. Com essa inversão de partida, a pesquisa está posta de cabeça para baixo e nada vai revelar senão o que já estava no pensamento ou na descrição.

Não há nenhum mistério que sustenta esse misticismo. A questão é simples. Para se chegar à substância tomam-se os elementos reais, em suas formas singulares, para idealmente unir tais elementos em uma substância universal. A substância é, portanto, e necessariamente, uma abstração. Não há nenhuma dúvida que a abstração ocupa um lugar importante no Ato Epistemológico (Faria, 2022), mas sendo ela o resultado do pensamento,

não pode ser a origem concreta das suas formas reais. A abstração é a forma de representação do real concreto como real pensado e não a origem do objeto e da matéria.

Passa-se das partes ao todo, dá-se ao todo o caráter de substância e depois se confere a este todo abstrato a origem das partes. Junta-se fábrica, escola, hospitais, associações, órgão públicos em uma substância chamada Organização. Depois passa-se a conferir à Organização a origem das fábricas, escolas, hospitais, etc. As formas comuns dessa operação ideal são, portanto, as clássicas tipologias em que a organização se divide, como se ela fosse a gênese dos tipos que a constituíram como substância.

É neste mesmo sentido que se pretende tratar a Administração real a partir da ideia da Administração em si em suas formas ou classificações, por exemplo, como área do saber, como tipologia específica e funcional, como administração pública ou de empresas, como administração participativa, administração de pessoas, administração financeira e, ainda, como atividade profissional ou de gestão. Não é a Administração que define sua prática, mas é exatamente sua prática concreta que a define.

Sendo a Organização tratada como substância, os pesquisadores se desresponsabilizam por sua materialidade, se isentam dos desdobramentos e podem abstrair, em seus estudos, as múltiplas determinações que concretamente constituem as organizações reais, suas materialidades históricas e sociais, suas relações contraditórias, bastando para isso tratar essa organização real como se fosse um caso da Organização ideal. Um estudo de caso que se resolve pela menção clássica (Yin, 2015).

Aqueles que atribuem materialidade à Organização e à Administração, como substâncias, são exatamente os mesmos que, por exemplo, inapropriadamente acreditam que o mercado reage à taxa de juros do Comitê de Política Monetária (COPOM). Para esses pensadores místicos, não se trata do sistema financeiro especulativo realmente existente, que atua de acordo com seus interesses, mas O Mercado, essa coisa indefinida. Também aqui se encontram indicações de que “a organização decide”, “a organização pensa”, etc.

O que interessa, mais precisamente, nesta reflexão é chamar a atenção para o fato de que existem pesquisas em Estudos Organizacionais e Administração que partem da abstração arbitrária que, de pronto, suprime o objeto, ou seja, partem da Organização e da Administração como substâncias, pretendendo deduzir delas a realidade.

O EMPIRISMO E O IDEALISMO

Esse terceiro ponto, que é ao mesmo tempo ontológico, epistemológico e metodológico, está naturalmente relacionado aos dois primeiros. Embora esta seja uma questão muito complexa para ser exposta em um espaço tão curto, o argumento é de que há uma prevalência em Estudos Organizacionais e em Administração no Brasil (mas não apenas) de dois modos excludentes de pesquisas em que a materialidade do objeto é suprimida: (i) o empirista-descritivo, que se esgota no sensível imediato do objeto, sem aprofundamento teórico e muitas vezes sem produção teórica; (ii) o idealista, que substitui o objeto concreto pelo movimento do pensamento e dos conceitos, não raro partindo da idealização teórica como pressuposto da interpretação, como já exposto em outros ensaios (Faria, 2023; 2024).

Sobre o Empirismo-Descritivo, a profusão de artigos, dissertações e teses empiristas-descritivas é preocupante. E isso não está relacionado às técnicas quantitativas ou qualitativas. Apontamentos de conteúdos de entrevistas, depoimentos e documentos são relacionados, muitas vezes, ao abrigo de classificações temáticas, com ausência ou com pobreza analítica. Dados resultantes de programas de tratamento de estatísticas são descritos em sua forma imediata. Relações e correlações entre variáveis são apresentadas muito menos como representação da realidade, muito menos ou quase nada como multideterminações do real, e muito mais como aplicações de técnicas. Técnicas de coleta e tratamento prevalecem sobre as relações concretas. O tecnicismo está se tornando critério de cientificidade quando é apenas uma questão instrumental.

Em todas estas concepções empiristas-descritivas prevalece não o objeto, mas ou sua descrição empírica imediata como uma forma da substância, ou a ideia sobre o objeto. Isto é, não a práxis social e histórica que constitui o objeto, mas a forma imediata abstraída do objeto; não a apropriação da atividade na produção das condições materiais de existência social, mas o exercício axiologicamente neutro e a-histórico da atividade que somente pode ser afirmado a partir da substância universal.

Esse problema tende a se agravar de uma forma muito preocupante com o uso da Inteligência Artificial. Sites de busca, cuja metodologia de busca é inacessível aos usuários, estão sendo superados por programas de busca, seleção e análise. Basta entrar nas redes sociais para se encontrar ofertas como: TCC em 30 minutos; faça seu artigo científico com a versão superior do ChatGPT; produza seu trabalho sem risco de plágio usando a versão

premium. Qual é o modelo de trabalho acadêmico oferecido? O modelo descritivo com análises de relações baseada em programas de frequência de palavras-chave. A materialidade do objeto é suprimida e em seu lugar é colocada a eficiência técnica de programas de inteligência artificial.

Não se trata de condenar absolutamente as ferramentas de busca, na medida em que essas podem melhorar o acesso aos dados empíricos. Tampouco se pode condenar a necessidade de obtenção de dados empíricos. Esses são elementos importantes da pesquisa. O que é preciso refletir é exatamente sobre o fato de que (i) a inteligência artificial não é utilizada como uma ferramenta, mas como já sendo também a interpretação analítica e de que (ii) as descrições não estão sendo submetidas à análise e, portanto, nem representam a materialidade do objeto, nem produzem teorias e conceitos.

Outra tendência é o idealismo, a produção de trabalhos científicos em que prevalecem os movimentos do pensamento sem o objeto, em que prevalecem as ideias, o misticismo. Esse também é um problema epistemológico e ontológico. E esta, juntamente com a empírico-descritiva, é uma concepção que está se tornando dominante nas pesquisas em Administração e Estudos Organizacionais. É neste sentido que as pesquisas partem da coisa abstrata em busca de um objeto concreto que idealmente lhe corresponda: um caso, uma empresa, uma fábrica, uma situação, um fenômeno, uma atividade. A partir do estudo dos casos particulares, deduzidos de sua condição abstrata inicial, se pretende voltar à abstração original para reassegurar seu caráter constitutivo: da teoria pressuposta o pesquisador busca um caso que lhe encaminhe de volta à teoria. A realidade do objeto é subtraída para dar lugar à lógica da teoria ou do conceito.

A classificação das coisas particulares em coisas abstratas universais não constitui nenhum problema epistemológico, porquanto é um recurso pelo menos heurístico, um método de investigação baseado na aproximação progressiva de um dado problema. O problema objetivo é fazer da coisa abstraída a fonte da coisa real que lhe deu origem.

Quando a pesquisa parte de uma teoria predeterminada, o objeto, mesmo antes de ser definido, já é uma coisa em si esvaziada de materialidade. A predefinição teórica como lugar de partida da investigação coloca o pesquisador não em confronto com o concreto, mas com as ideias, não com a representação da realidade, mas com o debate de ideias. O pesquisador

acredita que ao confrontar as ideias ele confrontará a realidade que essas ideias pretendem representar, mas essa é uma ilusão, porque, a rigor, o que está em confronto são as ideias, as mediações, que não apenas reduzem a realidade à sua forma abstrata, como podem mascarar suas múltiplas determinações.

Para o pesquisador idealista, o que há de essencial não é a materialidade do objeto, imediatamente perceptível aos sentidos e que necessita ser desvendada, mas a essência mística de sua representação: o pressuposto teórico ou o modelo explicativo. Quando o pesquisador considera que os tipos particulares, os casos de estudo, apesar de suas singularidades reais, são formas aparentes, cuja essência verdadeira é a teoria pressuposta, ele não alcança a riqueza das determinações. Ele não investiga o processo histórico real, mas sua forma conceito. A separação entre a teoria e a realidade, realizada pelo pensamento e que o pesquisador deseja superar, efetivamente interdita o acesso à realidade.

Após ter feito das diferentes formas reais uma abstração, o que faz a especulação? A especulação retorna aos tipos profanos reais de diferentes espécies. Depois de ter engendrado estas categorias teóricas a partir de um ensaio em que o objeto está ausente, o pesquisador pretende criar o mundo real a partir dessas pré-categorias. Em outras palavras, depois de ter produzido uma fantasia do real, depois de mistificar o real, o pesquisador pretende ter alcançado sua forma concreta. A realidade é substituída pela sua aparência imediata ou pelo conceito, pelas classificações, pelos tipos puros, enfim, pelo misticismo.

As classificações e o ordenamento lógico são recursos expositivos adequados a que recorre o pesquisador para representar a realidade e não a realidade ela mesma e tampouco sua forma material. Entretanto, não há como passar de uma abstração para seu contrário real (da teoria para o objeto) a menos que se renuncie à abstração. Sobra para o pesquisador idealista, portanto, renunciar à abstração que deu origem à especulação, para que ele possa se dedicar a uma sua forma singular (a fábrica recuperada, o hospital, a gestão participativa, a gestão cooperada, a gestão autoritária, etc.). Todavia, essa renúncia pode ser meramente especulativa, pois apenas em aparência ela ocorre, porque a realidade já adquiriu na especulação uma existência própria mística, ensejando a existência de tipos, formas, modelos e manifestações que acabam por servir para o pesquisador como modo de entendimento da

própria abstração ideada que ele criou. Ao final, a coisa nada mais é do que a idealização da coisa. A realidade da coisa foi suprimida, dando lugar à ideia dela que se esgota nela mesma.

A especulação põe o pesquisador diante de esquemas, modelos e paradigmas que dividem abstratamente a realidade em partes, classificam a matéria em escalas e quadrantes, em formas e hierarquias, para depois questionar como estas partes arbitrariamente separadas se relacionam entre si no mundo concreto. Em outras palavras, primeiro, tomam-se diversos elementos reais que constituem o conjunto das relações materiais. Depois se atribuem a esses elementos uma qualidade abstrata geral. Em seguida, se divide essa abstração nos mesmos elementos que foram usados para criá-la. Finalmente, se pergunta a esses elementos se eles realmente existem e se eles se relacionam e como se relacionam. Primeiro, toma-se a farinha, o fermento, o sal, os ovos e a água que constituem a materialidade do pão. Em seguida, se atribui a cada um desses elementos a qualidade de serem pão. Adiante, explica-se o pão como sendo resultado da mistura de farinha, fermento, água e sal. Depois, se pergunta a esses elementos se eles existem fora do pão e, mais importante, se eles se relacionam fora do pão como coisas em si. Se isso parece muito trivial e sem sentido, então assim também são as pesquisas que seguem os mesmos procedimentos.

E esse procedimento idealista, que há pouco tempo aparecia timidamente nas referências teóricas de partida, estão sendo institucionalizados nos chamados Ensaio Teóricos como a forma definitiva de fazer pesquisa. Ensaio Teóricos estão se tornando procedimentos obrigatórios sujeitos a avaliações nos quais os objetos são suprimidos. Ensaio Teóricos são importantes para a apropriação das teorias, mas não devem ser colocados como pressupostos das investigações. O estudo rigoroso das teorias existentes como processo de problematização, necessário para a pesquisa, está sendo substituído por ensaios que servem de pressupostos para o desvendamento da realidade. O objeto a ser investigado vai se apresentar para o pesquisador não como objeto concreto em suas múltiplas determinações, mas como objeto previamente delimitado pela teoria de partida.

Em síntese, não se trata de recusar o campo empírico e tampouco o arcabouço teórico, mas de tratar ambos como momentos do processo de produção do conhecimento científico, e não como sendo o próprio processo. Na perspectiva de uma Ontologia e Epistemologia Crítica do Concreto, a riqueza de detalhes do campo empírico é fundamental para a pesquisa. Mesmo

a descrição tem importância. Mas o tensionamento do campo empírico sem elaboração de suas múltiplas determinações e sem sua representação teórica não permite a apropriação do real, ao contrário, o suprime.

A riqueza de detalhes do corpo teórico disponível também é fundamental para a pesquisa, mas não no sentido de elaborar a construção de pressupostos que se colocam como condição epistemológica prévia ao objeto, inclusive já desde a forma sensível e imediata do objeto. O detalhamento aprofundado da teoria disponível, além de permitir alcançar o chamado “estado da arte” da produção teórica, deve, após devidamente organizado e classificado, servir como recurso analítico do objeto onde for adequado e de acordo com seus limites objetivos. A teoria resultante de revisões que pretende fundamentar o acesso ao objeto, de fato também o suprime.

A representação do objeto como concreto pensado é sempre um movimento simultâneo entre o pensamento e a matéria pensada, é sempre um ato concomitante em que se encontram o objeto, com sua primazia, e o pensamento, com sua condição dialética de elaboração.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Uma das questões epistemológicas mais fundamentais, tanto da ciência como da filosofia, é a superação do imediato sensível, das aparências fenomênicas do objeto, da pseudoconcreticidade. No entanto, essa parece ser a mais comum das posições. As pesquisas que se encerram na descrição do objeto, sem análise teórica, e as que impõem ao objeto uma concepção prévia antes mesmo do objeto ser acessado, não avançam na produção do conhecimento.

Essas questões postas aqui não são novas, mas são sempre necessárias para mobilizar reflexões. Como já nos ensinava Hegel (2014; 2016-2017-2018), a mais importante referência do idealismo, na sua Fenomenologia do Espírito e na Ciência da Lógica, quanto mais o objeto permanece em sua aparência sensível, menos ele se torna objeto conhecido e quanto mais universal o conceito, mais afastado ele se encontra da realidade. Em outras palavras, quanto mais a coisa é reduzida à coisa mesma, à coisa sensível, menos elaborado é o conhecimento sobre ela e quanto mais a ideia da coisa pretende ser a ideia de todas as coisas, menos tal

ideia representa a coisa que pretende representar. Esse dilema é a expressão dialética do Ato Epistemológico.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Obras completas**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.
- FARIA, José Henrique de. **Introdução à epistemologia**: dimensões do ato epistemológico. Jundiaí: Paco, 2022.
- FARIA, José Henrique de. It has gone and no one knows if it will return: the progressive disappearance of the original theory. **Revista de Administração Contemporânea**, RAC, v.27, n.1, 2023, 1-9. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022220065.en>
- FARIA, José Henrique de. Primacy of the real and interdisciplinarity: contradictions in theoretical production. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, v. 59, 2024, 1-6. <https://doi.org/10.5327/Z2176-94781996>
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**. Petrópolis: Vozes, 3 Volumes, 2016, 2017, 2018.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Submetido em 06/08/2024

Aprovado em 16/09/2024